

Gerações e sociedade: ontem, hoje e amanhã

Autor:**Mario Rubens de Oliveira Carneiro**

Doutor em Administração de Empresas pela PUC-Rio, professor substituto na Universidade Federal do Rio de Janeiro e na Universidade Federal Fluminense

Resumo

Compreender a dinâmica social passa por sermos capazes de, não apenas, fazer uma leitura da sua evolução e ter clareza sobre as transformações sofridas; mas, também, por buscarmos compreender pra onde nos levam os caminhos que estamos trilhando. Neste sentido, o trabalho aqui apresentado constitui um ensaio cujo objetivo é provocar uma reflexão sobre o potencial ainda pouco explorado do campo de estudos de coortes geracionais, indo além da sua capacidade de enriquecer análises sobre as transformações sociais de ontem, que nos trouxeram até hoje; e focando no quanto pode nos ajudar a melhor prever os cenários que devemos encontrar amanhã. Com a ajuda de pesquisadores de prestígio na área e o suporte de estudos científicos que apresentam a teoria aplicada na prática, é possível concluir que as gerações, no âmbito dos estudos de coortes geracionais, são uma ferramenta valiosa para a investigação da dinâmica de uma sociedade, seja para uma análise histórica, seja para ajustar as expectativas em relação ao futuro.

Palavras-chave: Coortes geracionais. Comportamento. Atitudes. Valores. Sociedade.

DOI: 10.58203/Licuri.21954

Como citar este capítulo:

CARNEIRO, Mario Rubens de Oliveira. Gerações e sociedade: ontem, hoje e amanhã. In: Soares, Maria de Lourdes (Org.). **A sociedade em contexto: História, transformações e desafios**. Campina Grande: Licuri, 2023, p. 38-49.

ISBN: 978-65-85562-19-5

INTRODUÇÃO

Os estudos sobre gerações são capazes de agregar, sob diversos aspectos, nos debates sobre sociedades e suas transformações. Afinal, as mudanças das dinâmicas sociais ocorridas ao longo do tempo têm por base, em boa parte, o comportamento das pessoas que as compõem. E as atitudes destas pessoas, que ajudam a explicar seus comportamentos, podem ser melhor compreendidas quando são entendidas as bases nas quais foram forjadas. O entendimento desse processo é justamente o foco de uma das principais teorias sobre gerações.

A teoria de coortes geracionais descortina processo interessante e que vem sendo comprovado: o processo de formação de valores, atitudes e comportamentos em função de experiências de vida similares compartilhadas por grupos de indivíduos de mesma faixa etária. Um fenômeno no qual contextos fornecidos pelo ambiente no qual vivemos formam os indivíduos que darão forma à sociedade em um processo de efeitos recíprocos, de retroalimentação, que se repete indefinidamente ao longo do tempo.

A compreensão deste fenômeno pode ajudar a entendermos com mais clareza a evolução histórica de uma sociedade e, em algum grau, permitir um prognóstico mais acurado sobre tendências de comportamentos vindouros dos indivíduos que continuarão a constituir os cenários sociais. Em outras palavras, a lente que os estudos geracionais trazem aos investigadores, permite não apenas um entendimento mais apurado sobre o passado; mas, ainda, uma possibilidade de vislumbrar com mais clareza o futuro.

Neste contexto, o objetivo deste ensaio é provocar reflexão sobre o potencial ainda pouco explorado do campo de estudos de coortes geracionais não apenas para as análises sobre as transformações sociais de ontem, que nos trouxeram até o cenário que temos hoje, mas principalmente sobre como as pesquisas a respeito de gerações podem nos preparar para o que virá. Trata-se de provocar um olhar para o amanhã.

A SOCIEDADE E AS GERAÇÕES

Para entender uma sociedade é preciso compreender os indivíduos que a compõem. Eles são os elementos básicos da sua constituição, dão contornos e características

específicas a ela, através de suas ações e interações, de seus comportamentos, de suas atitudes e de seus valores. E concomitantemente estes indivíduos são também influenciados pela sociedade que compõem. É no contexto dela que eles ganham forma para, em seguida, dar forma a ela própria. Como uma via de mão dupla de efeitos cruzados. Como um espiral que avança no tempo.

Existem diversas maneiras para se abordar o estudo dos sujeitos que formam uma sociedade. O caminho escolhido por este ensaio é o fornecido pela teoria de coortes geracionais. Geração Z, Geração Y ou *Millennials*, *Baby Boomers*, Geração Alfa... Estes são alguns dos termos que ganharam notoriedade do grande público de uns anos para cá, quando passaram a ter maior exposição tanto na grande mídia, quanto nas redes sociais digitais. O conceito que está por trás da teoria que cunhou estes nomes é bastante rico não apenas para compreendermos as transformações ocorridas na sociedade, mas também para projetarmos cenários futuros.

Segundo a teoria, um coorte geracional pode ser entendido como um grupo de indivíduos que viveu uma mesma experiência em uma mesma época de suas vidas (Ryder, 1965). Como consequência, por compartilhar experiências em comum em um mesmo período crítico de suas vidas eles formarão grupos com valores, preferências e comportamentos similares entre si (Carneiro; Souza; Saldanha, 2023). Mannheim (1952) se refere a este período crítico para como “anos formativos”. Tal período, segundo o autor, pode ser identificado como indo do final da adolescência até o início da vida adulta, fase na qual um indivíduo normalmente começa a assumir maiores responsabilidades e a desenvolver maior consciência política.

Outros pesquisadores, como Schuman e Scott (1989), já endossaram a relevância de tal período ao demonstrar como ele é marcadamente responsável por semelhanças nas memórias e experiências pessoais relatadas por indivíduos contemporâneos que foram expostos a condições ambientais similares. Assim, um grupo de pessoas acaba apresentando uma série de características em comum em função de eventos de grande relevância que viveram coletivamente, sejam eles eventos políticos, naturais, socioculturais ou afins, como: guerras, catástrofes, resseções econômicas, pandemias etc. E, em função disto, estas pessoas poderão ser identificadas como membros de um coorte geracional específico. Desta forma, diferentes momentos da história oferecerão diferentes eventos que irão produzir diferentes efeitos responsáveis por diferentes valores e comportamentos, dando origem a diferentes “gerações”.

A este fenômeno os estudiosos dão o nome de “efeito de coortes geracionais”. E, o mais importante para a tese aqui defendida, é que os valores, atitudes e preferências consolidados nesses “anos formativos” apresentam uma natureza perene, possuindo menor probabilidade de se alterar ao longo da vida (Carneiro, 2019).

Valores, Atitudes e Comportamentos

Neste ponto, torna-se importante compreender os conceitos de valores e de atitudes, bem como, sua relação entre si e como afetam nossos comportamentos. Valor é um termo que pode ser entendido como um conjunto de crenças gerais duradouras, que segundo autores como Rokeach (1973) possuem elementos cognitivos e afetivos. Os valores servem como guias em nossas vidas. Nos dão um norte. Moldam nossas expectativas, nossos julgamentos, nossas ideologias, pautando, inclusive, nosso modo de ver o mundo e tudo que está ao nosso redor. E essa ideia de “forma de ver o mundo” é justamente o que define o conceito de atitude. Dito de maneira mais formal, segundo Eagly e Chaiken (1993), atitude é uma tendência psicológica expressa através da avaliação de uma entidade em uma gradação que vai de favorável à desfavorável. Mas de forma intuitiva, a atitude pode ser vista como uma predisposição em gostar ou não de alguém ou de alguma coisa. Portanto, é possível perceber que atitudes são precursoras de comportamentos. Dessa forma, não se espera, por exemplo, que uma pessoa com atitude vegana apresente comportamentos de consumo de carne.

Entendido o papel de valores e de atitudes, pode-se concluir que compreendê-los no âmbito de grupos indivíduos ajuda a prever melhor suas preferências e, conseqüentemente, seus comportamentos, sejam eles decisões de consumo, inclinações políticas, profissionais, religiosas ou afins. Sabendo-se que efeitos de coortes geracionais formam valores e atitudes que nos acompanharão por toda a vida, pode-se esperar que muitos comportamentos geracionais irão manter um mesmo padrão ainda que os indivíduos envelheçam e que diversos fatores no ambiente venham a se transformar. Em outras palavras, ao se conhecer profundamente uma geração, mesmo que ainda formada por pessoas muito jovens, é possível prever alguns de seus comportamentos no futuro.

Este raciocínio não é inédito, ao contrário, já vem sendo explorado, por exemplo, na área de marketing. Neste campo, autores como Holbrook e Schindler (1994) defendem

e demonstram como pesquisas sobre coortes geracionais podem ajudar na previsão de preferências futuras por determinadas categorias de produtos. E, conforme salientado em Carneiro (2019), esta teoria vem sendo endossada por estudos que já se debruçaram sobre diversos produtos culturais, tais como: música popular, aparência física, teledramaturgia, filmes e atores. Dentre estes estudos encontram-se: Holbrook e Schindler (1989), Schindler e Holbrook (1993), Holbrook e Schindler (1994), Bonn (1999), Motta e Kitajima (2005) e Carneiro (2019).

E como estes conhecimentos podem ser aplicados nos estudos que buscam antecipar transformações futuras na sociedade? Simples, o ideal é observarmos as gerações mais novas cujas características mais marcantes já conseguimos identificar como sendo originárias de efeitos geracionais. Como visto até aqui, segundo a teoria, valores e atitudes característicos de uma geração são esperados que permaneçam invariáveis em boa parte à medida que esta geração envelheça. De tal sorte que podemos prever que teremos em breve mais adultos (e mais adiante, idosos) com estas mesmas características.

Pensemos nos jovens membros da Geração Z (geralmente considerada como sendo formada por pessoas nascidas entre 1995 e 2010). Se olharmos para algumas das características mais comumente destacadas nesta geração veremos que entre suas principais preocupações costumam se encontrar questões relativas a: mudanças climáticas, injustiças sociais e saúde mental. Portanto, seria razoável imaginar que, à medida em que esta geração ganha mais espaço e mais poder de ação, a sociedade, em geral, caminha na direção de aumentar suas preocupações ambientais com os efeitos das mudanças climáticas, tornando-se também mais predisposta a tomar medidas para amenizá-los. Similarmente, parece natural prever que haverá um crescimento das tentativas para abordar desafios sociais, como racismo, sexismo e homofobia. Bem como, pode-se esperar que aumentem as buscas por modos de reduzir a ansiedade e a depressão.

Em tempo, importa dizer que hoje a Geração Z já é uma força motriz ativa, por exemplo, por trás do “movimento climático”. Seus representantes (como a famosa ativista ambiental sueca Greta Thunberg, nascida em 2003) já pressionam governos e empresas a tomar medidas como a redução de emissões de gases de efeito estufa. Esta geração atualmente também já incentiva empresas a serem mais socialmente responsáveis, ao dar preferência ao consumo de produtos e serviços que acreditam ser produzidos de forma mais ética e sustentável e ao falar recorrentemente sobre isso nas mídias sociais digitais. Todavia, com o passar do tempo, os impactos dos valores desta geração vão gerar uma

transformação maior e gradativa na sociedade como um todo. Isso vai ocorrer conforme a Geração Z for assumindo mais posições de liderança em nosso meio social, ganhando maior poder para tomar decisões estratégicas em diversos âmbitos como governos, empresas e outras organizações.

Destaca-se ainda que enquanto esta geração mais nova vai ganhando espaços de relevância na sociedade, estes espaços são cedidos pelo decréscimo de participação das gerações mais antigas, como os *Baby Boomers* (a fim de não perder o foco, evita-se aqui entrar no mérito da inadequação técnica do uso desta expressão, que se refere originalmente a uma geração norte-americana, e das características a ela atribuídas para definir gerações em outros países, como o Brasil). Na primeira metade da década de 2020, os *Boomers* (entendidos, aqui, como aqueles indivíduos nascidos entre 1946 e 1964) representam a geração mais populosa do mundo. Possuem, portanto, grande peso nas opções e nas dinâmicas sociais atuais.

Os membros desta geração, que tiveram seus anos formativos durante a Guerra Fria e o período de prosperidade econômica que se seguiu (sobretudo, nos Estados Unidos da América), possuem sobre diversos aspectos características bastantes distintas daquelas atribuídas à Geração Z. Eles são, por exemplo, considerados: tradicionalistas, focados no trabalho duro, adeptos da meritocracia e da hierarquia e avessos a mudanças radicais. Portanto, quando este perfil hoje majoritário der lugar ao perfil da Geração Z em posições de poder é razoável se esperar um aumento nos movimentos de mudanças relevantes na sociedade.

Seguindo a mesma lógica, sabe-se que outra geração que começará a perder espaço em posições de liderança, ainda que esses efeitos venham a ser sentidos posteriormente à gradativa saída de cena dos *Boomers*, é a Geração X. Nascidos entre 1965 e 1980, os membros desta geração passaram seus anos formativos durante um período que ficou caracterizado como a Era da Informação. Em linhas gerais, acredita-se que por terem crescido durante um período de relativa estabilidade, assim como os *Boomers*, também podem ter uma visão mais tradicional do mundo, sendo resistentes a certas mudanças, desejáveis pela Geração Z. O que reforça a expectativa por crescentes transformações sociais com o passar do tempo, seguindo a dinâmica demográfica das gerações.

Reforçando tal expectativa é interessante lembrar que entre as gerações X e Z ainda existe a Geração Y, formada pelos “*Millennials*” que podem ser considerados aqueles nascidos por volta de 1981 até 1995 (lembrando que autores diferentes costumam divergir

um pouco sobre essas datas, por motivos naturais, mas que fogem ao escopo deste ensaio). A julgar pela faixa etária, antes mesmo dos membros da Geração Z, serão os *Millennials* que ganharão mais espaço nos postos de liderança nos próximos anos. Por terem crescido usando videogames, computadores e smartphones, os membros desta geração estão acostumados a acessar informações e se comunicar de forma rápida e eficiente. E, por terem tido seus anos formativos em um mundo em constante mudança, seus integrantes estão mais acostumados a se adaptar a novas situações, estando, geralmente, mais dispostos a aceitar e implementar mudanças. O que os aproxima das características da Geração Z, com quem compartilham maior compromisso com questões de justiça social e afins. Tal cenário parece sugerir um processo gradativo nas mudanças esperadas para a sociedade ao longo dos anos vindouros, uma vez que entre perfis tão distintos de grupos geracionais distantes em idade (a exemplo das gerações Z e *Boomer*) há outros perfis com características, por assim dizer, intermediárias.

Apurando o foco

O caminho, aqui sugerido, de comparação das características mais comumente atribuídas às diferentes gerações que compõem o extrato social, também pode ser aplicado a temáticas específicas. A fim de tornar mais compreensível o processo de evolução dos modos de ver o mundo e dos comportamentos na sociedade; bem como, a fim de provocar reflexões sobre possíveis cenários futuros.

Assim, por exemplo, pode-se analisar e comparar as atitudes das diferentes gerações em relação à liberdade. É perceptível que diferentes prioridades têm se destacado ao longo dos anos e das gerações. Assim, a busca por uma “liberdade individual”, parece ter sido o objetivo de *Boomers* e de membros da Geração X. Estes, sobretudo, associavam esta liberdade ao desenvolvimento pessoal. E na busca por este desenvolvimento, levados pela esteira dos desenvolvimentos tecnológicos que expandiram consideravelmente o potencial da tecnologia para conectar pessoas, criaram os primeiros serviços de redes sociais digitais (como o SixDegrees.com, o Friendster e o Myspace). Neste cenário criado pela geração anterior, a Geração Y passou, então, a destacar-se pela preocupação com a “liberdade de expressão”. Assim, os *millennials*, considerados os primeiros nativos digitais aprimoraram as plataformas e popularizaram o uso destas redes

sociais, tendo como um de seus mais famosos expoentes, Mark Zuckerberg (nascido em 1984) o criador do Facebook.

Com estas bases estabelecidas e aparentemente usufruindo das conquistas das gerações anteriores sobre liberdades individuais e de expressão, a Geração Z (segunda geração nativa digital, conhecida pelo uso cotidiano e mais intenso das redes sociais) tem demonstrado uma premente busca por “liberdade de escolhas” em diversos campos, como carreira e estilos de vida; considerando tal liberdade como essencial para a construção de uma identidade própria.

Isso ajuda a explicar porque a Geração Z é mais propensa do que as gerações anteriores a buscar carreiras que combinem com seus interesses e valores, ao invés de priorizar apenas salários melhores, estabilidade financeira, cargos de chefia ou empresas mais tradicionais e supostamente mais seguras. Assim, seus integrantes mudam mais vezes de emprego ao longo de suas vidas. Estão mais propensos a trabalhar em *home office* e a buscar empregos como *freelancers*. Experimentam, descartam e buscam novas opções com muito mais facilidade do que qualquer geração que os precedeu. Similarmente apresentam estilos de vida mais flexíveis e mais individualizados. O que se reflete inclusive na pluralidade de escolhas de orientações sexuais e de identidades de gênero, buscando abandonar as opções binárias comuns na sociedade até então.

Portanto, é possível perceber e melhor compreender a dinâmica das transformações ocorridas no seio da sociedade no que tange aos anseios por liberdade. Ao longo do tempo, as prioridades que já estiveram voltadas para a liberdade individual, migraram para a expectativa por liberdade de expressão e hoje caminham a passos largos para um protagonismo da busca por liberdade de escolhas. Cada movimento desses tem suas bases nos movimentos anteriores e se apresentam como uma sequência de eventos que se encaixam perfeitamente seguindo uma certa lógica, ainda que complexa e de apuração nunca integral.

O breve exercício de reflexão realizado sobre o tema “liberdade” pode ser replicado para diversas outras temáticas que em conjunto ajudarão a compreender por onde caminha a sociedade. Questões como família, relacionamentos, individualismo/coletivismo, responsabilidade/compromisso, empatia, tolerância, felicidade e tantos outros, possuem intercessões interessantes capazes de antecipar futuros desafios. Por exemplo, não será surpresa se daqui a alguns anos empresas e outras organizações tiverem dificuldades para repor pessoas em cargos de direção. Visto que há

indicadores de certa tendência da Geração Z em abrir mão dessas posições em troca de reduzir responsabilidades para, supostamente, obter mais tempo livre.

Indo além

A utilização da teoria de gerações para prever comportamento futuros já foi explorada por outros pesquisadores, como William Strauss e Neil Howe autores de “Gerações: A História do Futuro da América, 1584 a 2069” (Strauss; Howe, 1991) e de “A Quarta Virada” (Strauss; Howe, 1997). Os autores que analisaram as gerações que compuseram a sociedade americana (Estados Unidos da América) durante 400 anos, chegam inclusive a sugerir que seria possível antever tendências de comportamentos de gerações que ainda nem existem, ao descreverem quatro perfis de comportamento geracional que se mostram recorrentes ao longo do tempo, como ciclos históricos.

O que William Strauss e Neil Howe propõem é um modelo de ciclos sociais de 80 anos, divididos em quatro “viradas”. A primeira virada, corresponde a um período de alta, de estabilidade e prosperidade. Durante este período as pessoas concentram-se em construir carreiras e famílias. E tendem a acreditar que o mundo é um lugar bom e que é possível mudar as coisas para melhor. Na sequência viria a segunda virada, que diz respeito a um período de transição, que se caracteriza por conflitos e mudanças. Durante esta fase as pessoas comumente questionam as instituições estabelecidas e buscam novas formas de viver. O comportamento comum é guiado por pragmatismo e cautela, pois os indivíduos estão mais propensos a ver o mundo como um lugar perigoso e difícil de mudar.

A etapa seguinte corresponderia a um período de baixa, chamado de terceira virada, e caracterizado por momentos de reconstrução e de consolidação. Nesta fase as pessoas costumam buscar a restauração da ordem e da estabilidade. Não raro, predomina uma atitude de pessimismo e desconfiança, havendo acentuada propensão a achar o mundo como um lugar injusto e desigual. Por fim, a quarta virada, corresponderia a um período de renascimento, no qual predominam idealismos e confiança. Neste momento, as pessoas costumam se mostrar ansiosas para criar um novo mundo baseado nos valores que aprenderam com seus pais e avós.

Com base nesta teoria os autores foram capazes de antever comportamentos de integrantes da Geração Y de forma bastante antecipada. Todavia, acredita-se que ainda

que haja algum tipo de recorrência nos comportamentos geracionais em função deste ciclos propostos, ainda que hajam arquétipos geracionais que se repitam em algum grau ao longo do tempo, este parece ser um passo bastante mais arriscado para se fazer estimativas para o futuro. Por outro lado, basear-se em comportamentos já devidamente observados e comprovadamente oriundo de efeitos de coortes geracionais em gerações específicas parece ser um caminho mais seguro no esforço de refletir sobre o que devemos esperar para um futuro mais próximo.

Olhos no futuro, mas com os pés no chão

Neste ponto deste ensaio é preciso ressaltar que o exercício aqui proposto não é de futurologia. A provocação que se faz é no sentido de aguçar as reflexões sobre o que devemos esperar para os próximos anos e décadas, com base em elementos que explicam comportamentos e que sob diversos aspectos já se provaram perenes o suficiente para esperarmos que também estejam presentes neste futuro, a fim de antecipar cenários possíveis ou mesmo prováveis. Ainda importa frisar que as características aqui apresentadas para as gerações citadas são meras generalizações com objetivo mais de ilustrar uma proposta de reflexão do que de caracterizar os grupos mencionados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não temos como saber como serão as gerações futuras, mas sabemos que as gerações mais antigas aos poucos vão saindo de cena e sabemos também que as gerações mais novas vão a cada ano ganhando maior relevância na definição dos caminhos de uma sociedade, uma vez que assumem mais posições de poder tanto em governos quanto, em corporações privadas e outras organizações relevantes para todos nós. Assim, é possível imaginar que valores e atitudes em relação à vida já observáveis, hoje, nas gerações mais jovens têm boas chances de direcionar, em parte, o mundo no qual viveremos, amanhã.

REFERÊNCIAS

BONN, É. M. Os Efeitos de Geração e a Preferência por Filmes de Cinema. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1999.

CARNEIRO, M. R. Gerações e Comportamento de Consumo: O efeito de coorte na preferência pelo produto cultural ídolos da teledramaturgia brasileira. Lisboa: NAUS - Revista Lusófona de Estudos Culturais e Comunicacionais, v.2 n.1, p. 79-98, 2019.

CARNEIRO, M. R.; SOUZA, L. L. F.; SALDANHA, J. A. V. Quando se formam preferências levadas por toda a vida? Evidências dos efeitos de coortes geracionais. Contribuciones a Las Ciencias Sociales, São José dos Pinhais, v.16, n.9, p. 14154-14182, 2023.

EAGLY, A. H.; CHAIKEN, S. The psychology of attitudes. Orlando, FL: Harcourt, 1993.

HOLBROOK, M. B.; SCHINDLER, R. M. Some Exploratory Findings on the Development of Musical Tastes. Journal of Consumer Research, 16 (June), 119-24, 1989.

HOLBROOK, M. B.; SCHINDLER, R. M. Age Sex, and Attitude Toward the Past as Predictors of Consumers' Aesthetic Tastes for Cultural Products. Journal of Marketing Research, 31 (August), 412-422, 1994.

MANNHEIM K. The Problem of Generations. In: Mannheim K. editor. Essays on the sociology of knowledge. London : Routledge and Kegal Paul, p. 276-322, 1952.

MOTTA, P. C.; KITAJIMA, I. The Cohort Effect of Musical Taste. Balas Annual Conference, (May), Madrid, 2005.

ROKEACH, M. The nature of human values. New York: Free Press, 1973.

RYDER, N. B. The Cohort as a Concept in the Study of Social Change. American Sociological Review, 1965.

SCHINDLER, R. M., HOLBROOK, M. B. **Critical Periods in the Development of Men's and Women's Tastes in Personal Appearance.** Psychology & Marketing, 10, 549-564, 1993

SCHUMAN, H.; SCOTT, J. Generations and Collective Memories. American Sociological Review, 54, (3), 359-81, 1989.

STRAUSS, W.; HOWE, N. Generations: The History of America's Future, 1584 to 2069. New York: William Morrow and Company, 1991.

STRAUSS, W.; HOWE, N. *The fourth turning: an American prophecy*. New York : Broadway Books, 1997.